



Caminho Viável para o Desenvolvimento Local: Uma Experiência de Educação com Interface com a Comunicação¹

Rosevanya Fortunato de ALBUQUERQUE²

Kilma S. LIMA³

Alexandro C. TENÓRIO⁴

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma experiência que aproxima a educação com a comunicação e analisar sua contribuição ao desenvolvimento local em contextos populares. Essa possibilidade se deve ao fato da atividade, vivenciada em uma escola pública de Pernambuco, estar voltada para as perspectivas da inclusão social: trabalhar em prol da construção da cidadania. Como dados conclusivos, destacamos que a intencionalidade educativa em atividades integradoras, como a de um jornal escolar, além de contribuir na aprendizagem, colabora para desenvolver o senso crítico dos alunos, tanto enquanto indivíduos como grupo. E, ao ter como matéria prima as questões ligadas à comunidade do entorno escolar, as ações favorecem o envolvimento dos jovens com sua realidade e contribuem para a formação de redes sociais.

Palavras-Chave: comunicação; desenvolvimento local; educação.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma experiência, vista como um “inédito viável”, que contribui na construção do desenvolvimento local em contextos populares. Especificamente, pretende-se mostrar e analisar uma experiência educomunicativa⁵ vivida no estado pernambucano no âmbito de um programa do Governo Federal,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, com especialização em Jornalismo Cultural e cursando a especialização de Educação Integral na UFRPE, email: vanya.albuquerque@gmail.com

³ Co-orientação do trabalho: Professora Mestre do Curso de Educação Integral, Cidadania e Inclusão Social da UFRPE, email: lima.kilma@yahoo.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor doutor do Curso de Educação Integral, Cidadania e Inclusão Social da UFRPE, email: act72@yahoo.com

⁵ Neste documento vamos trabalhar com o conceito de educomunicação de Soares, que define essa temática como sendo o conjunto das ações, que contemplem um processo permanente de planejamento, administração e avaliação dentro de uma perspectiva dialógica, dialética e participativa, destinado a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/educomunicacao/saibamais/textos>>. Acesso em: 13 maio 2009.



intitulado de Mais Educação (PME), que é realizado em parceria com as Secretarias de Educação estaduais e municipais.

Instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007, o Mais Educação começou a ser operacionalizado em 2008 com escolas de baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), situadas em capitais, regiões metropolitanas e territórios marcados por situações de vulnerabilidade social. Tendo em vista esse território, o Programa visa contribuir com a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio da ampliação de tempos e espaços educativos através da possibilidade de desenvolvimento de 58 tipos de atividades. Distribuídas em 10 macrocampos (ou áreas temáticas), essas atividades abrangem o campo das artes, da cultura, do esporte, do lazer, da inclusão digital, da tecnologia de aprendizagem e convivência (TAC), etc. Feitas com os alunos das escolas públicas credenciadas no Programa, as referidas práticas educativas são desenvolvidas em ambientes educativos (dentro ou fora da escola) como parte integrante do Projeto Político Pedagógico dessas unidades de ensino.

Por estimular a ampliação do espaço educativo, o PME incentiva uma maior interação dos alunos com o bairro onde vivem. Já por trabalhar, ainda, com a perspectiva da realidade individual e coletiva dos envolvidos, o Programa termina por provocar nos alunos o sentimento de pertencimento à comunidade, por exemplo. E esse sentimento, dependendo da forma como as escolas vão trabalhar as atividades, tem potencial para gerar nas pessoas da comunidade um envolvimento em prol de ações que possam beneficiar tanto aos alunos quanto a comunidade. Assim, essas atividades desenvolvidas no contra-turno escolar terminam por colaborar ainda com o processo de enfrentamento da pobreza e das novas formas de exclusão social nos contextos populares, provocadas pela globalização.

Apesar dessas serem potencialidades de todas as atividades do Programa, aqui decidimos trabalhar com aquelas ligadas à comunicação. A escolha se justifica porque entendermos que a comunicação tem um lugar de destaque quando se trata de dar voz às pessoas de contexto populares, onde muitas delas se encontram ainda excluídas do acesso aos bens culturais e dos benefícios da sociedade do conhecimento, que exige cada vez mais das pessoas uma maior competência cognitiva e técnica. E isso pode acontecer porque estimula a formação de leitores na comunidade devido ao fato dos “alunos-repórteres” terem como pauta fatos próximos da realidade do entorno escolar e do cotidiano da escola, o que pode provocar um maior interesse das pessoas da comunidade em interagir com as ações do Mais Educação.



Assim, foi uma experiência que contribui para o desenvolvimento local que se procurou identificar e analisar. Talk Santos, baseada em Augusto de Franco, assinala que o desenvolvimento local é “uma estratégia que facilita a conquista da sustentabilidade, pois leva à construção de comunidades humanas sustentáveis” (TALK SANTOS, 2005, p.11). E é com esta definição que vamos trabalhar.

Aproveitamos para destacar que se vai fazer a análise, porém, sem se objetivar criar um documento monolítico, pois se perceberá ao longo do artigo aberturas e inconclusões metodologicamente propositais, visto que este documento é o reflexo de uma escuta sensível da vivência de um educador responsável pelo Programa na escola em questão, que a cada dia que passa busca melhorar o caminho a ser percorrido.

Como estratégia de pesquisa utilizou-se uma que privilegiasse o estudo de caso, por ele ser uma “investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (YIN, 2001, p.32). Para este artigo, foi vista uma experiência de educomunicação em uma escola da Região Metropolitana do Recife (RMR), selecionada aleatoriamente. Em paralelo, foram revisitados os textos de referência do Programa Mais Educação, entre eles o Manual Operacional do Programa, para que se pudesse compreender melhor a linha pedagógica que guia as atividades da Educação Integral propostas pelo Ministério da Educação. E por isso, em alguns momentos, esses textos complementam a fala da pessoa entrevistada e norteiam as reflexões sobre a prática ora estudada.

Para elaboração das partes quem compõem este artigo, alguns procedimentos técnicos e metodológicos foram adotados, como descrevemos abaixo:

Na construção desta parte introdutória e dos capítulos posteriores, além dos discursos oficiais já elaborados sobre o Mais Educação em documentos como resoluções e manuais, também foram utilizados textos, livros e outras fontes bibliográficas. Destacamos aqui aquelas de Talk Santos e Sueli Lima. No desenvolvimento, além de se mostrar o cenário que apóia a realização da experiência de educomunicação trabalhada neste documento, vai-se detalhar o caminho pedagógico percorrido e trazer a reflexão acerca de fatos que ajudam e prejudicam o alcance dos objetivos da experiência. Por fim, nas considerações finais, face ao exposto no desenvolvimento deste trabalho, apresentam-se ponderações sobre os desafios relacionados à realização de atividades que ao mesmo tempo possam contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento local.



Enlace Entre Teoria A Prática

Cenário das Práticas Educomunicativas

A Educação Integral é uma estratégia educacional audaciosa que visa garantir atenção e desenvolvimento integral às crianças, aos adolescentes e aos jovens. Deste modo,

“a idéia de escola integral, comumente associada à formulação de uma escola de tempo integral, implica considerar o sujeito em sua condição multidimensional, não apenas na sua dimensão cognitiva, como também na compreensão de um sujeito em sua dimensão biopsicossocial, isto é, que é um ser corpóreo e está inserido num contexto de relações político-sociais, culturais e ambientais.” (LIMA, 2008, p.10)

Com a proposta de ampliação do tempo educativo para melhorar, entre outras coisas, a aprendizagem e a visão de mundo dos alunos, o Mais Educação ajuda na construção da autonomia dos participantes — fazendo-os adquirir “meios para agir no e sobre o mundo” (PERRENOUD, 1999, p.14). Já por incentivar também a ampliação do território educativo, a fim de garantir o referido desenvolvimento integral das pessoas, o Programa termina por fortalecer a relação da unidade de ensino com a comunidade. Com isso, relembra-se a todos que a escola não esgota o processo educativo, mas sim, é parte dele.

Aqui, vale mencionar que a idéia, que está ganhando corpo no atual cenário nacional, de que a aprendizagem acontece ao longo de toda a vida e nos mais variados espaços, quer sejam eles formais ou informais, como a escola, a família e a cidade, não é nova, visto que o Manifesto dos Pioneiros de 32⁶ já preconizava que “a educação, porém, não se faz somente pela escola, cuja ação é favorecida ou contrariada, ampliada ou reduzida pelo jogo de forças inumeráveis que concorrem ao movimento das sociedades modernas”. (Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, 1932)

Refletindo um pouco sobre essa idéia vemos que a possibilidade de um novo cenário para a educação pode se estabelecer de forma concreta caso a comunidade também se abra para a escola e se consiga articular de fato os diferentes agentes e espaços educativos. Mas como nada na vida é linear, algumas experiências vão mostrar

⁶ Disponível em: <<http://escolanova.net/pages/manifesto.htm>>. Acesso em: 10 maio 2009.



um maior conjunto de possibilidades do que outras no que se refere à questão da extensão de atividades para além do território escolar. O que vai importar nesse início da trajetória do Mais Educação é que elas apresentem em algum nível isso.

Esse tipo visão sobre a educação representa uma reestruturação da escola e ajuda a combater as diversas dificuldades encontradas na sociedade atual, que é marcada por processos de exclusão social e por “intensas transformações e exigência crescente de acesso ao conhecimento, nas relações sociais, nas formas de comunicação, na maior exposição aos efeitos das mudanças em nível local, regional e internacional” (BRASIL, 2008, p.01)⁷.

O reconhecimento de que a educação de crianças, adolescentes e jovens, é uma tarefa muito complexa e que exige, para que se obtenha sucesso, um trabalho conjunto da escola com a comunidade aponta para os tipos de práticas a serem desenvolvidas nas atividades do Programa e em especial na área em tela, que têm um grande potencial para possibilitar, de modo significativo, concreto e duradouro, o desenvolvimento social e individual dos envolvidos, quer sejam os alunos ou as pessoas da comunidade, já que têm como matéria prima a informação. Deve-se considerar que o acesso à informação pode operar mudanças no cotidiano, pois ao ter conhecimento sobre o que está posto se pode refletir sobre a realidade. Vale lembrar que

“a partir das características e condições sociais que mediam tanto a percepção quanto o tratamento das informações que chegam de fora do grupo, o indivíduo acatará, rejeitará ou, ainda, dará diferentes significados às práticas que se propõe para o desenvolvimento de sua comunidade.” (TALK SANTOS, 1998, p. 118)

Relatos de Experiência: Práticas Dando Vida a Conceitos

Para melhor entender como são desenvolvidas as atividades da área de educomunicação (jornal escolar, rádio escolar, etc) e quais as contribuições que dão aos alunos e às pessoas da comunidade do entorno escolar, foram feitas perguntas a professora de uma escola do Recife: a Escola Estadual Carlos Alberto Gonçalves de Almeida, localizada no bairro do Prado.

O relato de experiência aqui apresentado é de extrema importância porque fornece visibilidade às práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas, não só pela

⁷ Disponível em: <[HTTP://www.fnde.gov.br](http://www.fnde.gov.br)>. Acesso em: 10 maio 2009.



escola em pauta, mas por todas as demais credenciadas no Programa e que estão espalhadas pelo Brasil. O relato aqui presente busca não apenas divulgar boas práticas, mas ainda permite registrar todo esforço de superação, em muitos casos, de imensas dificuldades, tais como falta de um pleno entendimento da proposta do Programa e a ausência de espaços na unidade de ensino para realizar as atividades.

Experiência de Jornal Escolar: Escola Carlos Alberto Gonçalves de Almeida

Iza de Lima Farias, gestora da escola, afirma que o Programa Mais Educação veio possibilitar a execução, de forma mais aprimorada, de projetos já desenvolvidos pela unidade de ensino e que possibilitou aos alunos participantes um maior leque de atividades. Atualmente, a escola trabalha no contra-turno do ensino regular com as seguintes atividades financiadas pelo Ministério da Educação: letramento, horta, rádio e jornal.

Como a escola é pequena, com seis salas, algumas atividades acontecem em espaços parceiros do entorno escolar. Mas a diretora reconhece que conseguir o apoio/a adesão da comunidade requer paciência e um bom planejamento. As duas atividades de educomunicação acontecem na escola e foram escolhidas porque já se tinha um projeto de jornal e rádio novela. Assim, o Programa Mais Educação ao fornecer os recursos colaborou para dimensionar os projetos, o que possibilitou o engajamento de um maior número de alunos nesses projetos. Participam das atividades alunos das 5^a a 8^a séries, onde 40 deles estão nas atividades pela manhã e 60 alunos no turno da tarde.

De acordo com a gestora, a forma como o jornal foi pensado permitiu a integração dos vários segmentos existentes na unidade escolar. Basta observar que o jornal que é dirigido por uma professora (Márcia Hora), supervisionado pela gestora escolar (Iza Farias) e tem como monitora uma estudante universitária, que divide a coordenação das tarefas feitas com os alunos e as alunas do ensino médio com experiência na área.

Dentro dessa organização, o jornal escolar é trabalhado da seguinte forma: cada grupo de aluno fica responsável pela pesquisa de diferentes pautas definidas previamente pela editora-chefe (professora), pela monitora e pelos coordenadores representantes dos alunos. Definida a pauta, os alunos orientados pela monitora realizam as pesquisas no laboratório de informática com recursos da internet e na biblioteca da unidade de ensino. E esse trabalho está trazendo bons frutos, pois os



professores de língua portuguesa percebem nos alunos um maior interesse pela pesquisa, pela descoberta e principalmente o interesse pela leitura.

No que se refere ao papel do jornal escolar no desenvolvimento da comunidade, Iza Farias esclarece que os jovens trabalham assuntos de interesse dos moradores do entorno escolar, deixando-a a par de questões ligadas à saúde, a curiosidades, ao esporte, ao lazer e à cultura, e se encarregam de distribuí-lo aos moradores do entorno da escola. A gestora ainda explica que ao ser o resultado de um estudo direcionado, o jornal visa desenvolver o espírito crítico nos alunos, possibilitando-os a intervir na escola e na comunidade, e provoca um maior envolvimento da comunidade com a escola. Mas Iza sinaliza que esses resultados sociais da produção do jornal vão acontecer de forma lenta e gradativa, mas assegura que vale a pena esperar por eles.

Considerações Finais

O desenvolvimento da atividade de educomunicação mostrada neste documento aponta que, aos poucos, novos caminhos estão sendo trilhados pelas escolas públicas para a mudança de vida tanto dos alunos participantes quanto da comunidade do entorno da unidade de ensino.

Mas temos ciência de que nem todas as escolas do Mais Educação, ao realizarem as atividades do contra-turno escolar, colocam em prática todas as premissas do Programa, como a necessidade de se considerar as redes sociais, a reorganização curricular com a ampliação de jornada, a crítica à escola como instituição total e a construção de novos itinerários educativos, que podem também contribuir com o desenvolvimento local em contextos populares.

E os motivos para isto são os mais variados. Dentre eles podem estar a falta de compreensão pedagógica do Programa, a dificuldade de colocar em prática ações intersetoriais e a concepção de uma cidade educadora, que concebe uma nova “geografia do aprendizado”, e a falta de apoio necessário das Secretarias às quais as escolas são vinculadas.

Assim, da mesma forma que é importante ter em mente que o Programa enfrenta suas dificuldades, tensões e contradições, precisamos também visualizar que não se pode impor que as coisas sejam lineares, que tudo seja feito do mesmo modo, ao



mesmo tempo e com a mesma linguagem. Até porque isso não é possível e nem é desejável, pois as pessoas e as situações têm seus próprios ritmos e saberes.

Conforme observamos no relato apresentado neste documento, ações intitulas por nós como inovadoras estavam sendo desenvolvidas não raramente pelo país mesmo antes da criação do Mais Educação. A questão emblemática que percebemos é que o atual cenário nacional da educação respalda pedagógica e financeiramente essas ações, fortalecendo-as e estimulando novas iniciativas que refletem o desejo de “transformar a escola burocrática existente, numa outra escola, uma escola com autonomia, uma escola cidadã”. (GADOTTI, 2008, p. 7).

Ao compartilhar as reflexões sobre uma boa prática educacional queremos alertar para as variadas realidades e dimensões do fazer educacional. E essa constatação pode impulsionar o amplo debate sobre a importância da construção de fundamentos para uma base sólida do Mais Educação.

Por fim, destacamos que mesmo não tendo como objetivo primeiro o desenvolvimento local da comunidade as atividades do Mais Educação, em especial as de educomunicação, podem potencializar isso e, por consequência, ser por elas potencializadas também.

Referências

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Sueli de, **Caderno Rede de Saberes Mais Educação: Pressupostos para Projetos Pedagógicos de Educação Integral**. Brasília: Secad/MEC, 2008.

PERENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TAUK SANTOS, Maria Salett. Estratégia de comunicação para o desenvolvimento local e os desafios da sustentabilidade. In: LIMA, Jorge Roberto Tavares de (org.); SILVA, Josenildo de Souza e... [et.al.]. **Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Recife: Bagaço, 2005.

TALK SANTOS, Maria Salett; SPENILLO, Giuseppa. Uma Nova política para o ensino da comunicação rural: o caso da UFRPE. In: TALK SANTOS, Maria Salett (org.). **Políticas e Comunicação Rural nos anos 90**. Recife: UFRPE, Imprensa Universitária, 1998.



Texto referência para o debate nacional da Educação Integral (versão preliminar). Brasília: Secad/MEC, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Sites

BRASIL, Ministério da Educação. **Manual de Educação Integral**. Brasília: Secad/MEC, 2008. Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2009.

Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Disponível em: <<http://escolanova.net/pages/manifesto.htm>>. Acesso em: 10 maio 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos>>. Acesso em: 13 maio 2009.